



A FEB NA CAMPANHA DA ITÁLIA (1944-1945)

Frank D. McCann

Matéria apresentada na Conferência de Historiadores do Exército, patrocinada pelo Centro de História Militar dos EUA, Washington, DC, em 09 de julho de 1992.* Nela, o desempenho da FEB no Teatro-de-Operações Italiano é apreciado sem os vícios de avaliação da nossa própria cultura, fornecendo argumentos que se contrapõem a algumas manifestações depreciativas em relação a ele.

INTRODUÇÃO

Hoje em dia, a maioria dos americanos se surpreende ao saber que o Brasil participou, com tropas, da II Guerra Mundial. Os que pertencem à geração da guerra devem guardar vaga lembrança. Entre os americanos nascidos no após-guerra, porém, aqueles que sabem que havia uma Força Expedicionária Brasileira no front italiano sabem-no por ter ouvido de um parente que serviu na 10ª Divisão de Montanha, no IV Corpo

ou em alguma outra fração do V Exército. As histórias da guerra raramente fazem menção ao fato ou, mesmo, a outras contribuições do Brasil à causa aliada. Na verdade, a FEB não alterou o curso da campanha da Itália ou da guerra na Europa. Seu significado diz respeito mais à história das relações entre Brasil e Estados Unidos e à história do Brasil, do que à história da guerra propriamente dita. Nesses dois campos da história, ela tem um peso considerável, ainda que o povo americano e a maioria dos estudiosos não tenham conhecimento

*Traduzida por Isadora Ferreira da Veiga.

do fato. Mas a FEB realmente supriu os exércitos americano e brasileiro com experiências sobre criação e funcionamento de forças militares internacionais.

A FEB foi incomum na história militar americana. Não foi uma força colonial, como foram as unidades indico-britânicas, ou uma confederação militar, tal como Canadá, Nova Zelândia, ou África do Sul, nem uma tropa, "disso ou daquilo" livre, como os contingentes poloneses ou franceses. Tratava-se de uma divisão retirada do exército de um Estado independente e soberano que, voluntariamente, colocou seus homens sob o comando dos americanos. E não foi somente o comando que esteve envolvido nesse relacionamento; a FEB foi ainda aconselhada, treinada, equipada, uniformizada, calçada e alimentada pelos americanos. O relacionamento não poderia ter sido mais estreito, com a preservação, ainda, da integridade da estrutura de comando da força. Apesar do alto nível de integração, a FEB nunca perdeu sua identidade brasileira, e os americanos jamais ignoraram tal fato.

POR QUE UMA FEB ?

A primeira pergunta que os americanos (e jovens brasileiros)

geralmente fazem é por que havia uma FEB? Há várias razões: a resposta emocional do povo brasileiro à guerra; os objetivos dos líderes brasileiros civis e militares; e os dos Estados Unidos. O povo brasileiro se revoltou contra o afundamento de navios nacionais pelo submarino Axis, o que levou ao reconhecimento de um estado de guerra com a Alemanha e a Itália, em agosto de 1942. A FEB foi um ato de vingança, um modo de restabelecer a honra nacional, ao mesmo tempo que contribuía em favor da grande luta para salvar a civilização. Pelo menos esse foi o modo como o governo apresentou o fato.

O presidente Getúlio Vargas e o ministro das relações exteriores, Oswaldo Aranha, olhando à frente, para as negociações da paz, para a reorganização pós-guerra do mundo, e lembrando-se das dificuldades que o Brasil enfrentou após a I Guerra Mundial, da qual não participou militarmente, optaram pelo compromisso. Franklin Roosevelt encorajou essa linha de raciocínio, dizendo a Vargas, durante um encontro em Natal, em fevereiro de 1943, que ele o queria a seu lado na Conferência da Paz. Além disso, Vargas provavelmente esperava desviar a atenção dos militares, para

dar a si mesmo mais espaço político, no qual pudesse organizar uma base populista, a fim de continuar o que ele enxergava como os ganhos do seu regime ditatorial. Seus adversários logo viram na FEB uma garantia de que o regime não sobreviveria à guerra. Eles argumentavam que os brasileiros não podiam lutar contra a tirania no exterior e continuar a viver sob ela na própria casa.

O ministro Oswaldo Aranha viu a guerra e a FEB como um modo de expandir a cooperação histórica do Brasil com os Estados Unidos a "uma verdadeira aliança de destinos". Essa política de cooperação havia sido, notou Aranha, "uma fonte de segurança" para o Brasil e, dando aos Estados Unidos a garantia de apoio em questões internacionais, o Brasil poderia "contar com eles em questões (sul) americanas". A FEB iria, na sua opinião, convencer os americanos de que o Brasil estava comprometido "material, moral e militarmente" com a aliança. Era sua estratégia para conseguir a assistência americana na industrialização do Brasil, a qual ele via como "a primeira defesa contra perigos internos e externos". Ele argumentou que a FEB era o início de uma colaboração mais ampla, envolvendo a total reorganização militar do Brasil. Além disso, ele não

acreditava que se pudesse restringir unicamente a uma força expedicionária, se se quisesse assegurar o envolvimento americano em outras questões militares brasileiras, tais como o desenvolvimento da Marinha e da Força Aérea, e a defesa do sul do País. Olhando para o futuro, ele acreditava que o Brasil teria que manter suas forças mobilizadas por algum tempo depois da paz, para ajudar a ordem pós-guerra. Junto com outros ministros, afirmava que eles deveriam esforçar-se para convencer os americanos que "tendo escolhido a estrada a seguir e nossos companheiros de viagem, não alteraremos nosso curso ou hesitaremos em nossos passos".¹

Para alguns oficiais brasileiros, principalmente os formandos da turma de 1917 da Escola Militar, o emprego de tropas era uma compensação por não terem lutado na I Guerra Mundial, um modo de vingar amigos e colegas mortos nos ataques do submarino Axis e, talvez mais importante, uma maneira de aumentar a força efetiva do Exército e da Aeronáutica, bem como sua habilitação para lidar com diversas contingências. Entre estas, estavam as poderosas bases militares e navais dos Estados Unidos no nordeste do

Brasil, as quais os brasileiros queriam ter certeza de que os americanos abandonariam após a guerra, as populações imigrantes alemãs no sul do Brasil, as quais eles queriam controlar, e a eterna ameaça da Argentina, que estava então sob um regime militar. O Exército não estava, porém, prestes a enviar soldados além-mar confiante de que tudo ficaria bem em casa ou nas fronteiras. Seus líderes estavam realmente preocupados com a Argentina. Em julho de 1943, o ministro da guerra, general Eurico Dutra, declarou que, qualquer que fosse o número de soldados enviados ao exterior, ele queria que uma força equivalente fosse deixada no Brasil "para garantir a soberania e a manutenção da ordem e da tranquilidade". Obviamente, o front interno tinha que estar seguro mas, para alcançar esse objetivo, os líderes brasileiros teriam que conseguir armas suficientes dos americanos, os quais, na ocasião, estavam lutando para armar seus próprios soldados e produzir armas para os aliados. O governo brasileiro decidiu, assim, que teria de enviar soldados para os campos-de-batalha.

A FEB atraiu o apoio do governo americano porque, se o maior país da América Latina lutasse com os aliados, isso realçaria a

imagem dos Estados Unidos como líder do hemisfério. Washington também esperava que isso faria do Brasil um baluarte pró-americano na América do Sul. O secretário de Estado, Cordell Hull, viu o Brasil como um contrapeso à Argentina. Tanto brasileiros como americanos, astuciosamente utilizaram as preocupações uns dos outros com relação à Argentina, para fortalecer seus interesses políticos. Era claro: quanto mais próximos estivessem entre si, mais nervosos deixavam os argentinos.²

Alguns líderes do Exército americano tiveram que ser persuadidos a aceitar a oferta de soldados brasileiros. Sua boa vontade em atender aos brasileiros era diretamente proporcional ao que queriam deles. No final de 1942, o Exército tinha suas bases aéreas no Brasil e linhas de suprimento através delas até o norte da África; então, por que se preocupar com os brasileiros? Promoveu-se o debate entre militares americanos e diplomatas acerca dos méritos em satisfazer ou não os desejos brasileiros. No início de 1942, os dois lados discutiram sobre os brasileiros ocuparem as Guianas Francesa e Holandesa e, em Natal, em fevereiro de 1943, Roosevelt sugeriu a Vargas que o Brasil

substituísse as tropas portuguesas na ilha da Madeira e nos Açores, para que os portugueses pudessem reforçar sua defesa. Nenhuma dessas idéias foi adiante, mas, após a Conferência de Natal, a questão não era se o Brasil mandaria tropas, mas **para onde** elas iriam.

Em meados de abril de 1943, o representante militar brasileiro em Washington, general Estevão Leitão de Carvalho, disse ao chefe de estado-maior, George Marshall, que o Brasil queria formar um corpo-de-exército de três ou quatro divisões, e, em maio, a Junta de Chefes de Estado-Maior aprovou a idéia.³

Um ponto importante a ser lembrado é que a FEB foi uma idéia brasileira, que resultou de uma política deliberada do governo Vargas, e não de uma política americana para envolver o Brasil diretamente no combate.

COMO A FEB SE FORMOU?

Havia alguma diferença de opinião, entre brasileiros e americanos, acerca de quais tropas deveriam ser usadas para formar a força expedicionária. Os americanos e a Comissão Mista de Defesa Brasil-Estados Unidos acharam lógico utilizar as unidades do nordeste, mas os brasileiros, pensando nos 15.000

americanos instalados nas bases daquela região, não concordaram. O ministro Dutra queria montar três campos de treinamento regionais, a fim de preparar três divisões simultaneamente, criando, dessa forma, instalações úteis para o pós-guerra. Mas os Estados Unidos não podiam fornecer as armas e os equipamentos necessários para preparar os três campos, isto é, 50% do equipamento para três divisões. Além disso, uma vez que nem o Brasil nem os Estados Unidos possuíam navios suficientes para transportar, de uma vez, uma divisão inteira sequer, o Pentágono surgiu com a idéia de fornecer 50% do equipamento de uma divisão, o qual seria deixado no Brasil para o treinamento de cada divisão subsequente. Elas seriam todas armadas e equipadas no teatro-de-operações.

Logo antes de visitar os Estados Unidos, em agosto de 1943, o ministro da guerra, Gaspar Dutra, que queria comandar o corpo-de-exército planejado, sondou vários generais a respeito de seus interesses em liderar uma das divisões. O general João Baptista Mascarenhas de Moraes, que havia comandado a 7ª Região Militar do nordeste, de junho de 1940 a janeiro de 1943, respondeu

imediatamente, enquanto os outros hesitaram. Eventualmente, dois outros comandantes de divisão foram designados, e as preparações começaram, mas os planos não foram levados a cabo, e a FEB foi fixada em uma divisão.⁴

O Exército Brasileiro de 1943 não tinha divisões prontas para treinamento intensificado e transporte, mas era organizado em comandos geográficos regionais estáticos, os quais tinham ascendência sobre unidades tamanho regimento dispersas. Estas, por sua vez, estavam alojadas em quartéis que, geralmente, não tinham espaço suficiente para receber tropas mobilizadas adicionais, e possuíam pouco espaço para instrução, do tipo recebido então pelo exército americano. Além disso, a maioria dos quartéis ficava em áreas urbanas. E, porque os soldados eram recrutados principalmente na localidade, formar uma divisão em uma região significaria um sacrifício político local inaceitável. Assim, a relutância em usar unidades nordestinas estava relacionada a algo mais do que à preocupação em relação à presença americana.

Para formar a divisão da FEB, as unidades foram recrutadas de todas as partes do Brasil. A desvantagem disso era que essas unidades não

estavam acostumadas a trabalhar juntas. Por outro lado, poder-se-ia argumentar que, uma vez o Exército tendo sido treinado e organizado segundo o modelo francês, desde 1919, seria mais fácil mudar para o modelo americano se a divisão fosse composta de unidades que nunca houvessem trabalhado juntas. Elas iriam talvez adaptar-se mais rapidamente.

Estranhamente, ao invés de usar a experiência de combate para realçar a profissionalização de um número máximo de jovens oficiais, o Exército recrutou um número considerável de oficiais da reserva, muitos dos quais eram profissionais civis. Dos 870 oficiais de Infantaria da FEB, pelo menos 302 eram reservistas. Felizmente para os historiadores, um deles produziu um dos livros mais úteis sobre a FEB.⁵ Não ficou claro se esta foi uma decisão política ou puramente administrativa. Mas, realmente, parece que não havia jovens oficiais o suficiente para compor a força expedicionária. Mais tarde, na Itália, referindo-se à escassez de formandos da Escola Militar e às deficiências profissionais dos oficiais da reserva, Mascarenhas pediu, em abril de 1945, para comissionar sessenta sargentos de Infantaria, que serviriam como comandantes de

pelotão.⁶

Houve também uma certa dificuldade em preencher os claros das unidades incorporadas. Na falta de unidades de polícia militar, o Exército aproveitou policiais de São Paulo, criou unidades de comunicações utilizando homens de companhias telefônica e elétrica, e organizou um destacamento de enfermagem através do recrutamento público de mulheres voluntárias. O fato de os recrutados estarem sendo mandados para além-mar encorajou muitos a procurarem meios de escapar do serviço. Desde que o alistamento se tornou obrigatório, porém, em 1916, o Exército sempre teve um número alto de evasão. Por exemplo, na 7ª Região Militar, no nordeste do Brasil, enquanto Mascarenhas estava no comando, a convocação, em 1941, de 7.898 homens, teve uma taxa de evasão de 48,9% e, daqueles que se apresentaram, 41% não passaram no exame médico. Na verdade, isso foi um avanço: no ano anterior, a taxa de evasão havia sido de 68%! Dentre os 3.434 voluntários naquela região, 2.201, ou 64%, foram considerados aptos para o serviço. Esses números podem ser tomados como bastante típicos da experiência nacional. A taxa de rejeição por razões de saúde

era alta, tanto para alistados como para soldados que já estavam em atividade. Ao formar um dos últimos escalões da FEB, 18.000 soldados de unidades regulares foram inspecionados de saúde, para obter 6.000 homens. No caso do quarto escalão, os 10.000 soldados inspecionados renderam apenas 4.500 fisicamente aptos para embarcar. Em outro trabalho, apreciei o recrutamento e o exame médico da FEB mais detalhadamente, mas basta dizer, aqui, que a dificuldade encontrada com a saúde precária da nação contribuiu para a decisão de não continuar com a mobilização. Em janeiro de 1945, o general Ralph Wooten observou que o Exército Brasileiro estava “no fundo do poço” para fornecer pessoal de combate, e que era “um erro esperar qualquer ajuda adicional do Brasil a esse respeito”.⁷

O treinamento funcionou em vários níveis. Oficiais brasileiros vinham sendo mandados aos Estados Unidos, para fazerem cursos, desde 1938, a maioria em Artilharia de Costa e Aviação. De fato, no início de 1941, bem antes de Pearl Harbour, o Brasil estava enviando grupos de oficiais para serem formados em várias especialidades. O ritmo continuou a acelerar até que, no final

de 1944, pouco mais de 1.000 militares brasileiros haviam ido aos Estados Unidos. Um curso especial para brasileiros foi criado na Escola de Comando e Estado-Maior, em Fort Leavenworth, onde 259 oficiais foram matriculados, o maior contingente de qualquer nação estrangeira a passar por suas salas de aula. O comandante da Escola disse que os brasileiros, os quais já haviam completado os 3 anos do seu próprio curso de estado-maior, "sabiam mais que a maioria dos seus instrutores".*

Os soldados enviados à Itália, em cinco escalões, no final totalizaram 25.334. Em julho de 1944, o primeiro escalão chegou a Nápoles. Após alguns atrasos com equipamento e instrução, em 15 de setembro, o 6º Regimento de Infantaria e tropas de apoio, sob o comando do general-de-brigada Euclides Zenóbio da Costa, foram para a linha-de-frente do IV Corpo do V Exército dos Estados Unidos. O comandante do Exército, Mark Clark, decidiu-se por esse compromisso parcial, porque precisava fortalecer o IV Corpo, que havia descido ao nível de uma divisão reforçada, já que unidades suas estavam sendo retiradas para a invasão do sul da França pelo VII Exército, em julho. O V Exército havia perdido sete divisões completas

para a operação francesa. Portanto, a chegada dos brasileiros naquele momento era oportuna. O V Exército americano e o VII Exército britânico estavam preparando um ataque à Linha Gótica Alemã, numa tentativa de alcançar o Vale do Pó e Bolonha antes do natal. Os três corpos do V Exército (de oeste para leste, o IV americano, o II americano e o XII britânico) deveriam atacar com o II Corpo como ponta de lança, e o IV imobilizando antes e assediando os alemães. Clark achou que isso daria aos brasileiros uma introdução relativamente suave no combate.

É interessante notar as diferentes reações dos brasileiros e americanos à ação subsequente. Os brasileiros circulavam perseguindo com sucesso unidades alemãs em retirada, de 16 de setembro a 30 de outubro, quando sofreram um contra-ataque repentino, o qual controlaram por aproximadamente 10 horas, até ficarem sem munição e serem forçados a recuar. Pelos registros americanos podemos observar que isso foi percebido como uma ocorrência normal de combate, mas os relatórios publicados por oficiais brasileiros estão repletos de acusações e asperezas. Na oportunidade, Mascarenhas culpou e repreendeu as tropas por sua falta

de cuidado e por recuarem diante de um “inimigo desmoralizado”. É claro, ele estava ansioso para que se saíssem bem, e ainda estava um pouco inexperiente quanto à natureza dessa guerra. Eles tinham se saído tão bem quanto qualquer um o teria, diante das circunstâncias. A 92ª Divisão dos Estados Unidos, que os substituiu, quando se mudaram para o Vale do Reno, foi igualmente incapaz de controlar os alemães, na linha que ocuparam durante os cinco meses subseqüentes.⁹

COMO A FEB ATUOU ?

O tópico precedente leva à próxima pergunta, comumente feita em relação à FEB: como ela atuou? A resposta é curta: bastante bem, de fato. Mas não estamos aqui para dar respostas curtas.

O papel da FEB era tático, a maior parte da sua experiência de combate era a nível de pelotão. O diário de combate da divisão é, em grande parte, um resumo das ações de patrulha, como foi o caso do V Exército de modo geral, no outono e no inverno de 1944-45. Os brasileiros reconheceram isso: eles não afirmam que seu papel ou seu impacto foi estratégico. Nas suas memórias, o chefe de estado-maior da divisão, Floriano de Lima Brayner, observou

que em “nenhum momento a FEB se engajou em operações de nível estratégico.”¹⁰ E após a guerra, para simbolizar o nível do papel que desempenhou, o Exército erigiu um monumento aos tenentes da FEB, na Academia Militar das Agulhas Negras. De fato, é difícil imaginar como uma divisão poderia ter desempenhado qualquer papel que não fosse tático, na campanha do norte da Itália.

Esse ponto tem sido ignorado por alguns observadores, tais como o jornalista William Waack, cujo livro, “As duas faces da glória: A FEB vista pelos seus aliados e inimigos”, parece basear-se na premissa de que os brasileiros reclamaram uma maior importância para a FEB. Ele compara a falta de conhecimento e de memória de alguns veteranos alemães em relação à FEB e a crítica afiada de relatórios de contato e inspeção americanos com a “grandiloquência” das narrativas brasileiras. Por ter sido publicado por uma das principais editoras do Brasil, e por ter tido algum impacto nos círculos acadêmicos, farei alguns comentários sobre o seu uso, ou mau uso.

À primeira vista, Waack tapou uma brecha na bibliografia disponível em português, olhando documentos alemães e americanos e entrevistando

sobreviventes das unidades alemãs. Com muita razão, ele partiu para descobrir o que achavam da FEB. Infelizmente, ele abordou seu projeto do modo como vários jornalistas fazem história: vasculhando evidências, sem antes ler a literatura de apoio que o capacitaria a entender o que era novo, e lhe daria condições de pôr-se na perspectiva apropriada. Satisfazia-o, também, encontrar alguns documentos interessantes, e não questionou se eram completos.

Ele ficou sabendo que a principal divisão alemã a enfrentar os brasileiros tinha um número elevado de soldados muito jovens e também de soldados um tanto velhos, e que era comandada por oficiais do front russo. Ele retratou esses homens como ultrapassados, quando poderia ter argumentado que, cansados ou até mesmo fatigados pela luta, eles eram veteranos que tinham imensuravelmente mais experiência de combate do que seus adversários brasileiros. Se ele tivesse lido mais sobre a campanha da Itália, teria visto que não havia descoberto nada de novo. Afinal, os alemães estavam lutando em três fronts em 1944-1945 e estavam colocando em linha qualquer homem que estivesse disponível.

Waack gastou diversas páginas

com a importância da conquista, pela FEB, de uma elevação conhecida como Monte Castelo, à qual ele se referiu como “a maior glória da história contemporânea do Exército Brasileiro”. Ele escreveu que “há uma tendência pronunciada em considerar a tomada de Monte Castelo um passo importante para a investida aliada no norte da Itália, às vezes atribuindo a ela importância estratégica decisiva”. Erradamente, ele cita, como exemplo, o livro de Lima Brayner, o qual, como mencionei acima, limita a significância de tais combates para o contexto brasileiro. Estranhamente, considerando a vasta bibliografia dos veteranos da FEB, ele cita, como exemplo recente dessa tendência, uma tese de doutorado de 1982, sem muita fonte, feita na Universidade de São Paulo, dizendo: “Monte Castelo... foi a chave para um sistema de defesa... às portas da legendária planície do Rio Pó.”¹²

E continua a questionar a importância da vitória, mostrando que, para os alemães, “Monte Castelo” não existiu; “seu nome”, disse ele, “não aparece em nenhum comunicado oficial das divisões, dos exércitos e, muito menos, dos volumosos *Diários de Guerra* do Wehrmacht”. Para eles, era apenas o

ponto "101/19" dos seus mapas de guerra. Os alemães consideravam suas posições montanhosas fundamentais para a defesa do Vale do Pó e consideravam, diz Waack, sua "linha nervosa" como indo, do Monte Belvedere, através das elevações para o leste. O ponto-chave para eles era, não o Monte Castelo, mas o Belvedere. Ele acha que está colocando o registro histórico em ordem. Mas se ele tivesse se preocupado em checar por trás dos poucos documentos americanos que leu para examinar o diário de guerra da FEB, teria notado que, no combate de 1944, que enfraqueceu não apenas a FEB, mas o IV Corpo e o V Exército, a FEB atacou a cadeia "M. Torraccia - M. Belvedere". A primeira menção a "M. Castello" ocorreu em 21 de fevereiro de 1945, quando a FEB "atacou ao longo dos declives sul do vale, entre o Belvedere e o M. della Torraccia", para capturar M. Castello (568192), a massa de colina logo a noroeste do Abetaia". O que quero mostrar é que seria natural para os brasileiros dar mais importância aos nomes dos terrenos que enfrentavam do que o fizeram os alemães na defensiva, ou os americanos, preocupados com o front. O diário americano de um destacamento de

ligação comentou, mais além, que "esta característica havia sido o objetivo de dois ataques brasileiros anteriores, nos quais eles sofreram baixas consideráveis, sua captura foi uma perda muito grande para o inimigo, uma vez que o privou de seu último bom observatório de Bagni della Porretta".¹³

Waack também tentou minimizar a importância da vitória, afirmando que os veteranos alemães lhe disseram que raramente tinham mais do que cinquenta homens em qualquer das posições naquela região.¹⁴

Ele não levou em conta que esses grupos de cinquenta controlavam alturas das quais atiravam ao longo de trajetórias preestabelecidas que cobriam os acessos para cima. É um conhecimento militar tão banal o fato de serem necessários menos homens para defender tais alturas do que para capturá-las, que chega a ser embaraçoso enfatizá-lo. Mas, de qualquer modo, as informações de Waack não eram novas. A história do IV Corpo, analisando as defesas alemãs, mencionou que a 232ª Divisão Granadeira "espalhou-se de modo disperso ao longo de um front de 18 milhas" (o grifo é meu).

Waack não observou o tipo de

armamento que os alemães estavam utilizando para defender as alturas. A história do IV Corpo disse que fotografias revelaram que “os alemães também compreenderam a importância tática daquela cadeia e haviam juntado grande número de peças de artilharia na área Canpiano-Belvedere-Castello. Ao todo, 97 armas foram espalhadas”. Boa parte do conceito-de-operações do Corpo era baseado na trajetória cuidadosa do fogo de Artilharia, nas armas alemãs, mas isso iria acontecer significativamente durante o ataque em 18 de fevereiro, e não nas ações preparatórias, a fim de preservar o elemento surpresa para a ofensiva inicial da Infantaria. Com seu plano de fogos predeterminados, a Artilharia do Corpo concentraria fogo na artilharia alemã, à medida em que se tornasse ativa. A ênfase dada à Artilharia no conceito-de-operações do Corpo indica o grau de importância atribuído, pelos americanos, ao armamento alemão e à sua posição.¹⁵

Waack resumiu sua crítica a Monte Castello declarando que, “baseado na narrativa alemã” e na topografia, “os brasileiros, em Monte Castello, cumpriram uma missão tática secundária, uma manobra que apoiava o ataque principal... (e) não foi a batalha decisiva, nem influenciou

fundamentalmente o seu resultado”. Curiosamente, ele nota algo que teria deixado um historiador profissional cauteloso: os registros alemães relativos à queda de Belvedere, Castello e Torracchia foram todos destruídos em um incêndio após a guerra.¹⁶

Sem dúvida, porém, muito foi interpretado de Monte Castello pelos febianos e militares brasileiros. Para eles, o bem-sucedido combate teve grande importância simbólica. Sua parte na tomada de Belvedere-Castello convenceu os brasileiros de que eles estavam à altura da tarefa que haviam assumido. Talvez possa ser feita uma comparação grosseira com a importância do Belleau-Wood (junho de 1918) para os americanos na I Guerra Mundial. O fato é que a FEB e a 10ª Divisão de Montanha dos EUA foram eficazes na operação conjunta que afugentou os alemães de elevações importantes, o que permitiu a ofensiva da primavera prosseguir. Se qualquer das duas divisões tivesse falhado essa ofensiva teria se atrasado.¹⁷

O que os americanos acharam da FEB? Essa é uma pergunta que deve ser respondida primeiro com interrogações: quais americanos? quando? o que? e por que? Do início ao fim, os militares americanos

estudaram e relataram as origens, formação, pessoal, aprestamento e desempenho das forças brasileiras. Qualquer pessoa familiarizada com os militares americanos e seus arquivos não acharia nada de estranho nisso. Todos os aspectos da formação e do desempenho das unidades americanas eram também investigados a fundo e relatados. Mas utilizar esse material com propósitos históricos requer uma atenção especial do contexto. Era de se esperar que relatos a meio-caminho, através de um ciclo de instrução, provavelmente conteriam comentários negativos e, assim, o historiador cauteloso procura relatos finais que dizem como o processo se revelou.

William Waack “descobriu” relatos do Destacamento de Ligação Brasileiro do V Exército (os quais, devo notar, utilizei em meu “Brazilian American Alliance” editado em 1973), e observando que eles não haviam sido publicados no Brasil, imaginou se o Exército Brasileiro sabia, na época, que havia uma “contradição entre o elogio público dos generais e as críticas severas escritas por oficiais americanos encarregados de acompanhar ou instruir os militares brasileiros”. Ele cita longamente esses documentos e

compara atitudes americanas com brasileiras. Esses relatos contêm linguagem forte, escrita por homens que estavam preocupados com a qualidade da instrução que a FEB estava recebendo. Eles não hesitam em apontar incompetência, onde encontravam erros, e em sugerir soluções. Sua reclamação mais comum era que os soldados brasileiros não eram instruídos o suficiente, e sua solução para quase todas as falhas era cooperação e instrução. O Exército americano, assim como a sociedade que o produziu, acreditava em educação, e a linguagem da escola estava sempre presente.¹⁸

Entretanto, seria errado afirmar que os americanos guardavam para si o conteúdo desses relatos. A unidade de ligação que os preparou era subordinada às Forças Armadas do Exército dos Estados Unidos no Atlântico Sul, aquarteladas em Recife, sob o comando do general Ralph H. Wooten que, pelo menos, resumiu seu conteúdo oralmente para o ministro da guerra, general Eurico Dutra. Numa conversa, em janeiro de 1945, ele disse a Dutra que as operações na Itália haviam revelado uma “falta de liderança nos postos mais baixos de oficiais e oficiais R2”, que requeria “maior descentralização

de autoridade”, e que havia necessidade de “mais instrução de cuidado e manutenção dos equipamentos, veículos e outros equipamentos técnicos, mais instrução de controle sanitário, e a necessidade de estabelecer um sistema de inspeção e acompanhamento mais adequado”. Dutra respondeu que reconhecia a necessidade de prestar mais atenção a essas questões e que tomaria providências para corrigi-las.¹⁹

Waack estava certo ao dizer que a ideologia militar americana era que a vitória seria possível se os meios necessários fossem empregados apropriadamente. E empregá-los apropriadamente era resultado de “treino, treino e mais treino”. Seu ressentimento com o “paternalismo” e “arrogância” americanos (p. 154), foi confrontado durante a campanha por alguns dos oficiais brasileiros, tais como o chefe do estado-maior da Divisão, Lima Brayner, que considerava as exigências americanas de constante instrução, até mesmo de tropas em linha, como uma “imposição humilhante” a soldados que não haviam tido um dia de descanso em quatro meses. O que se precisa admitir é que esses soldados eram irregularmente instruídos, alguns

homens eram enviados à Itália sem treinamento básico, e que, dentro da própria FEB, alguns oficiais reconheciam isso e outros não. O coronel Brayner estava engajado em sua própria guerra burocrática com o oficial de operações da Divisão, coronel Humberto Castello Branco, que era a favor de instrução constante. O comandante da FEB, general Mascarenhas, referindo-se aos recompletamentos instruídos na área de retaguarda da Itália, admitiu a oficiais americanos que as únicas tropas instruídas da força nunca haviam combatido. Ao tomar relatos fora de contexto e apresentá-los ao público brasileiro com a sugestão implícita de que eles representavam a verdadeira, embora secreta, opinião americana sobre a FEB, Waack violentou a verdade histórica, e perdeu a oportunidade de elevar o nível de sofisticação da historiografia sobre a participação do Brasil na guerra.²⁰

Os relatos americanos indicavam um desejo profundo para que a FEB fosse bem-sucedida. Oficiais americanos estavam cientes de que sucesso ou fracasso afetaria as relações futuras entre os dois países. O comandante do V Exército, general Mark Clark, anotou, no seu diário, que “lidar com” os brasileiros “é um

assunto muito delicado e deve ser feito corretamente".²¹ E, é claro, o fracasso comprometeria os oficiais americanos que trabalhavam com os brasileiros. Assim, era de seu interesse que eles tivessem sucesso. Um exemplo dessa preocupação foi que, no final de 1944, todo o estado-maior do IV Corpo regularmente "visitou, conferenciou e tentou dar conselhos, e ajudar o estado-maior brasileiro e os comandantes de unidade, a fim de criar uma organização altamente eficiente". O comandante do Corpo, general Crittenberger, mantinha um contato pessoal tão próximo com o general Mascarenhas que, só em novembro, ele o visitou vinte vezes e consultou-o pelo telefone seis vezes. Os americanos acreditavam que supervisão minuciosa, "mais instrução", e absorção de "lições amargas aprendidas em combate" desenvolveria as capacidades potenciais da Divisão. Na opinião do pessoal do IV Corpo a "maioria dos soldados" era "inteligente e não preguiçosa" e, com o tempo, "daria soldados bons e fortes."²²

A avaliação da atuação brasileira é um pouco contaminada pelas exigências da diplomacia. Vernon Walters, que falava português, atuando como oficial de

ligação entre o V Exército e a FEB e, provavelmente, sabedor dos pontos fortes e fracos da divisão melhor do que qualquer americano, comentou nas suas memórias que os soldados brasileiros haviam "justificado a fé neles depositada" e estiveram em "constante combate... sem descanso" por 239 dias.²³ As declarações públicas de Mark Clark eram sempre lisonjeiras, mas seu diário e entrevistas com um biógrafo revelam sua insatisfação, e talvez frustração, em ter de incluir no seu comando uma divisão cujos oficiais mais novos tinham dificuldade em manter seus mal-instruídos soldados juntos, sob fogo. Seu biógrafo relatou que Clark considerava Mascarenhas um oficial "inconstante, não confiável" que "dava desculpas, e via na presença dos brasileiros na Itália um meio de conseguir prestígio; eles não estavam lá, disse a Clark com franqueza, para serem cortados em pedaços". Em particular, Clark até mesmo colheu os louros por administrar o empurrão para o vale do Rio Pó, de modo que a FEB obtivesse a rendição do maior número possível de unidades inimigas. Entretanto, após a guerra, ele foi ao Brasil para participar do regresso da FEB e retornou, novamente, em 1949, esbanjando entusiasmo em ambas as ocasiões.²⁴

O que o sucessor de Clark no comando do V Exército, Lucian K. Truscott, pensava sobre os brasileiros não está claro. No seu livro sobre os últimos dias da campanha, ele descreveu a rendição do 148º à FEB como “espetacular”, e, no prefácio da edição brasileira, ele naturalmente elogiou a contribuição da FEB.²⁵ No entanto, suas relações com os brasileiros eram frias, embora corretas. O chefe de estado-maior da FEB, Floriano de Lima Brayner, o considerava “taciturno”, “retraído”, e mostrando “confiança limitada” nas tropas brasileiras. Ele comparou, desfavoravelmente, Truscott com Clark. O primeiro estimulava os brasileiros exigindo demais deles, enquanto aparentava muito pouco entusiasmado com eles. “Para nós, latinos, ele era um péssimo psicólogo. Ele não sabia sorrir.”²⁶ Não posso dizer se foi por causa de sua falta de entusiasmo, mas o Exército Brasileiro não convidou Truscott para acompanhar Clark e Crittenberger ao Rio de Janeiro para recepcionar o regresso da FEB, a 18 de julho de 1945. Quando tentaram corrigir o erro com um convite atrasado, ele se referiu à questão, ao Departamento de Guerra, dizendo que “visitar o Brasil sob tais circunstâncias parece desnecessário, a menos que razões

políticas superiores indiquem o contrário. Não desejo assistir a nenhuma comemoração no Brasil e, desse modo, posso apenas ficar embaraçado... Espero que os senhores não sejam favoráveis a isso.”²⁷ Coalisção de guerra é basicamente um relacionamento de personalidades e estilos nacionais, e requer certo esforço e compreensão de ambos os lados para que funcione.

A FEB completou todas as missões confiadas a ela e comparou-se favoravelmente às divisões americanas do IV Corpo. É lamentável que o forte simbolismo de Monte Castello tenha desviado a atenção da análise da vitória da FEB em Montese, em 16 de abril, na qual os brasileiros tomaram a cidade, após sofrer 426 baixas, num exaustivo combate de quatro dias.²⁸ Nos dias seguintes, ela lutou até imobilizar a 148ª Divisão alemã e as divisões Monte Rosa, San Marco e Itália, do exército fascista, as quais se renderam ao general Mascarenhas em 29-30 de abril. Em questão de dias os brasileiros cercaram, receberam a rendição de 2 generais, 800 oficiais, e 14.700 soldados. Há dúvidas quanto a Clark poder ter “administrado” os brasileiros a ponto de levá-los a esse resultado, mas ele queria claramente que a FEB detivesse essa retirada da

divisão inimiga. De fato, seu comentário poderia estar ligado ao fato de que a 148ª foi a única divisão alemã intacta a se render naquele front. De qualquer modo, Mascarenhas insistiu em esperar, até que tivesse conseguido a rendição e os prisioneiros estivessem sob sua guarda, para notificar a vitória aos quartéis-generais americanos.²⁹ O que parece claro é, que embora eles estivessem pouco preparados e servissem sob comando estrangeiro contra um inimigo com experiência de combate, os soldados da “cobra fumando” mostraram, como diz uma de suas canções, a “fibra do Exército Brasileiro” e a “**grandeza de nossa gente**.”³⁰

CONCLUSÃO

A FEB fez tanto sucesso entre os líderes americanos que eles a queriam na Europa, como parte das forças de ocupação, mas os líderes brasileiros civis e militares rejeitaram esse papel. Infelizmente, a despeito das objeções americanas, o governo brasileiro decidiu debandar a FEB no retorno ao Brasil. Os militares americanos esperavam que a Divisão fosse mantida junta, para formar o

núcleo de uma reforma completa do Exército Brasileiro. Veteranos da FEB, tais como Humberto de Castello Branco, introduziriam lentamente as lições da guerra nos currículos da Escola de Estado-Maior e da Escola Militar. Mas a chance de usar a experiência da FEB para projetar a influência brasileira na ordem do pós-guerra estava perdida. Aqueles que tomaram as rápidas decisões no final de 1945, que levaram ao fim da FEB, não podiam saber o quão rápido os Estados Unidos se desmobilizariam, ou o quão rápido a aliança com a União Soviética ruiria. Talvez se o Brasil tivesse mantido tropas de ocupação na Europa e um quadro permanente de soldados endurecidos pelo combate em casa, teria tido uma posição pós-guerra bastante diferente.

A rejeição do Brasil a posteriores operações militares além-mar nas guerras da Coreia e do Vietnã está parcialmente relacionada a uma percepção nacional de que os Estados Unidos não apreciaram adequadamente sua contribuição à II Guerra Mundial. E essa percepção está relacionada ao modo como a história da guerra é compreendida no Brasil e nos Estados Unidos.

NOTAS

ACS	Chefe de Estado-Maior do Exército
CDOC-EX	Centro de Documentação do Exército, Brasília
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro
GS	Estado-Maior
MID	Divisão de Inteligência Militar
MMD	Seção Militar Moderna
NA	Arquivo Nacional, Washington
OPD	Divisão de Planos e Operações
RG	Grupo de Registro

1. Oswaldo Aranha para Eurico Dutra (Ministro da Guerra), Rio, 11 de agosto de 1943, Arquivo Oswaldo Aranha, CPDOC. Ele escreveu isso a Dutra, o qual estava visitando os Estados Unidos para negociar detalhes da FEB. Ele admitiu que uma aliança tão íntima portava perigos potencialmente incompatíveis com a soberania e os interesses brasileiros, mas que era o caminho que possuía menos riscos e maior segurança. Era o menos pior e eles teriam que estar constantemente atentos a fim de evitar ciladas.
2. Ronald C. Newton, *The 'Nazi Menace' in Argentina, 1931-1947*. (Stanford: Stanford Univ. Press, 1992). 299. Ele nota que os Estados Unidos "*astuciosamente ligaram os alarmes argentinos de guerra com o Brasil*", os quais estavam crescendo em "*frequência e intensidade*", em 1943. Para as opiniões brasileiras sobre a Argentina, ver Gary Frank, *Struggle for Hegemony in South America: Argentina, Brazil, and the United States during the Second World War* (Coral Gables: University of Miami, Center for Advanced International Studies, 1979), 45-60.
3. Frank D. McCann, *The Brazilian American Alliance, 1937-1945*. (Princeton: Princeton Univ. Press, 1973), 349-353.
4. Carlos de Meira Mattos, *O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época* (Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1983), 89-90; comunicação pessoal de Meira Mattos ao autor, Rio, dezembro de 1991. As outras duas divisões eram para ser comandadas pelos generais Newton Cavalcante e Heitor Borges.
5. O livro era Demócrito Cavalcanti de Arruda, et al., *Depoimento de Oficiais de Reserva sobre a FEB* (Rio de Janeiro: Cobraç Publicações, 1949). Para o número de reservistas ver McCann, *Brazilian American Alliance*, 368, nº 40.
6. J.B. Mascarenhas para E. Dutra, cifrado 33-G.1, 7 de abril de 1945, cifrados FEB, de 15/09/44 a 05/07/45, 433.40, "1944/1945", MG665c, CDOC-EX, Brasília. Ele viu o prestígio da FEB em jogo. Os americanos também estavam preocupados com os oficiais jovens. O relatório de Mascarenhas como comandante da 7ª Região Militar indicava uma escassez de tenentes (165 autorizados, mas 123 de planta-déficit de 46), Mascarenhas, "Relatório... 7ªRM, 1941" (Recife, 12 de fevereiro de 1942, p.25 no CDOC-EX, Brasília. (citação completa na nota número 7). O general Ralph Wooten, que desempenhou um papel importante nas relações com os brasileiros, chamou atenção do general Dutra "para a falta de liderança nos postos de oficiais jovens e oficiais R2", sugerindo várias soluções. Gen. Div. Ralph H. Wooten para ACS OPD, Recife, 23 de janeiro de 1945, "Resume of Situation in this Theater" OPD 336 Latino Americana seção IV, Casos 80-93, RG 165, MMB, NA.

7. Para dados do recrutamento na 7ª Região Militar, ver João B. Mascarenhas de Moraes, "Relatório apresentado ao Exmº Sr. General-de-Divisão Ministro da Guerra pelo General-de-Brigada João Batista Mascarenhas de Moraes Comandante da 7ª Região Militar, Ano de 1941" (Recife, 12 de fevereiro de 1942), CDEX-Brasília, 32-34. Para a seleção da FEB ver Ten. Cel. Carlos Paiva Gonçalves, **Seleção Médica do Pessoal da FEB, Histórico, Funcionamento e Dados Estatísticos** (Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1951), 67-142. Para relatórios americanos ver Gen. Div. Ralph H. Wooten para ACS OPD, Recife, 23 de janeiro de 1945, "Resume of Situation in this Theater", OPD 336 Latino Americana (Seção IV) Casos 80-93; e Cel. Charles B. B. Bubb para General Comandante MTOUSA (Teatro Mediterrâneo), Rio, 6 de dezembro de 1944, "Medical Report on the Fourth Echelon of the Brazilian Expeditionary Force", OPD 336.2 Brasil (Seção IV), RG 165, MMB, NA, McCann, **Brazilian American Alliance**, 369-372.
8. Gen. Eurico Dutra para Edwin L. Sibert, Rio, 8 de janeiro de 1941, 2257 K18/247; e Cel. Edwin L. Sibert para ACS G2, Rio, 18 de março de 1941, nº 2.650, "Student Officers from Brazil to US Service Schools", 2257 K18/306, RG165, WD, GS, MID, NA, **Brazilian American Alliance**, 353-354, nº 18. Para comparar, os chineses enviaram 249 oficiais ao Forte Leavenworth, os ingleses 208, os venezuelanos 73, os mexicanos 60 e os argentinos 31. O comentário do comandante da Escola de Comando e Estado-Maior, general Truesdell, sobre a qualidade dos oficiais brasileiros, foi relatado pelo Gen. Div. J. G. Ord num discurso para o Estado-Maior do Coordenador de Assuntos Interamericanos, 11 de agosto de 1944, BDC 5400, RG218 (Registros da Junta de Chefes de Estado-Maior dos EUA), NA.
9. Registros de 30-31 de outubro de 1944, Diário de Combate, Relatório 1/Div. Inf. BEF, Centro de História Militar, Washington; José Alfio Piason, "Alguns Erros Fundamentais Observados na FEB", **Depoimentos de Oficiais da Reserva**, pp. 103-107. Piason era um subcomandante de uma das companhias envolvidas (3d Co. 1/6 IR), Mascarenhas, **Memórias**, I, pp. 183-188. Para um relatório de observador aéreo da arrumação alemã antes da ação, ver Elber de Mello Henriques, **A FEB Doze Anos Depois** (Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca do Exército, 1959), pp. 72-74. O relatório mais equilibrado é Manoel Thomaz Castello Branco, **O Brasil na II Grande Guerra** (Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960), pp. 206-214.
10. Floriano de Lima Brayner, **A Verdade Sobre a FEB: Memórias de um Chefe de Estado-Maior, na Campanha da Itália, 1943-1945** (Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968), p. 234.
11. William Waack, **As duas faces da glória: A FEB vista pelos seus aliados e inimigos** (Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985). O livro basicamente questiona a importância da FEB. É interessante os alemães o terem levado a sério o suficiente para transmitir um programa diário de rádio chamado "Ouro e Verde" na Rádio Victória, próximo a Como, Itália, que utilizava dois brasileiros como comentaristas - Margarida Hirschmann e Emilio Baldino, que foram julgados e condenados à prisão depois da guerra. Juizes para Secretário de Estado, Rio, 9 de dezembro de 1946, 832.203/12-946, RG59, NA.
12. Waack, **As Duas Faces**, p. 88-89. A tese é de Francisco Pinto Cabral, "Um batalhão no Monte Castello" (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 1982), p. 7. Ele não deveria ter levado esta tese a sério uma vez que ela é baseada em apenas mais ou menos uma dúzia de publicações. É espantoso que tenha sido aprovada pela banca examinadora da USP. Waack também cita um jornalista que cobriu a FEB dizendo que Monte Castello

- era "o objetivo tático-estratégico mais importante - à parte de seu aspecto moral - num momento determinante da Campanha da Itália". Joel Silveira & Thassilo Mitke, **A Luta dos Pracinhas: A Força Expedicionária Brasileira - FEB na II Guerra Mundial** (Rio de Janeiro: Record, 1983) é um relato jornalístico feito por observadores civis.
13. Waack, **As Duas Faces**, p. 90-93; Diário de Combate da FEB, p. 35 registro de 21 de fevereiro de 1945 em "Report on the 1st Infantry Division Brazilian Expeditionary Forces in the Italian Campaign from 16 July 1944 to the Cessation of Hostilities in May 1945", 301 (BEF)-033, NA.
 14. Waack, **As Duas Faces**, p. 93.
 15. "History of Fourth Corps", pp. 509-511, documento datilografado, Instituto de História Militar do Exército dos EUA, Carlisle Barracks, Pa.
 16. Waack, **As Duas Faces**, p. 94-95.
 17. Talvez valha a pena notar que este foi o "primeiro grande combate com o inimigo" travado pela 10^a Divisão de Montanha. "Fourth Corps History", p. 512.
 18. Para uma discussão sobre a "escola do soldado" ver Paul Fussell, **Wartime: Understanding and Behavior in the Second World War** (New York: Oxford Univ. Press, 1989), pp. 52-65.
 19. Gen. Div. Ralph H. Wooten para o Chefe-Assistente do Estado Maior OPD, Recife, 23 de janeiro de 1945, "Resume of Situation in this Theater", OPD 336 Latino Americana Seção IV, Casos 80-93, RG165, MMB, NA; a conversa se deu no Rio em 19 de janeiro de 1945.
 20. Waack, **As Duas Faces**, pp. 13, 143-144, 154; Lima Brayner, **A Verdade sobre a FEB**, pp. 331-333; Cap. Frank T. Cameron, "Historical Report of The Brazilian Replacement Depot", p. 6 em "Report on the 1st Infantry Division Brazilian Expeditionary Forces...", 301(BEF)-033, NA.
 21. Citado por Martin Blumenson, **Mark Clark: The Last of The Great World War II Commanders** (New York: Congdon & Weed, 1984), p. 226.
 22. QG do IV Corpo para General Comandante, V Exército: "Coordination with BEF", 14 de dezembro de 1944, nos documentos do IV Exército, Instituto de História Militar do Exército dos EUA, Carlisle, PA.
 23. Vernon A. Walters, **Silent Missions** (New York: Doubleday & Co., 1978), p. 138.
 24. Martin Blumenson, **Mark Clark: The Last of the Great World War II Commanders** (New York: Congdon & Weed, 1984), pp. 236, 247, 261.
 25. Lucian K. Truscott, Jr., **19 Dias dos Apeninos aos Alpes** (Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950), p. 71.
 26. Floriano de Lima Brayner, **A Verdade sobre a FEB: Memórias de um Chefe de Estado-Maior na Campanha da Itália, 1943-1945** (Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968), p. 439.
 27. Truscott (GC V Exército) para Gen. Thomas T. Handy (Escritório do Chefe de Estado-

- Maior), Posto de Comando do V Exército, 24 de julho de 1945, OPD336.2 Brasil, Seção V, Casos 85-, Box 967, RG165, MMB, NA. O Gen Cordeiro de Farias informou Truscott sobre o possível convite, dizendo que eles não o haviam convidado na primeira viagem porque queriam dar a ele reconhecimento especial.
28. Newton C. de Andrade Mello, **A Epopéia de Montese** (Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1954).
29. Mascarenhas ordenou a seus homens: "somente após os alemães estarem aqui informaremos os americanos." Aspásia Camargo & Walder de Góes, **Meio Século de Combate: Diálogo com Cordeiro de Farias** (Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1981), p. 368.
30. Para as canções dos Febianos ver McCann, *Brazilian-American Alliance*, pp. 432, 435; e gravação "20 Anos Depois: Expedicionários em Ritmos", Chantecler Records, São Paulo, lançamento CMG2397, 1965.



Frank McCann é professor de História da Universidade de New Hampshire. Recebeu o título de Ph.D. da Universidade de Indiana em 1967. De 1968 a 1970 integrou o corpo docente da Academia Militar de West Point e foi pesquisador na University of Princeton (1971). No Brasil, estudou na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1963) e lecionou na Universidade Federal do Rio de Janeiro (1991). Seu livro "The Brazilian-American Alliance - 1937-1945" (Princeton, 1973) recebeu o prêmio Bolton - Menção Honrosa (1974) sobre a História Latino-Americana e o prêmio Stuart L. Bernath da Sociedade de Historiadores de Relações Exteriores dos EUA (1975). Uma coleção de ensaios de sua autoria foi publicada no Brasil sob o título "A Nação Armada: Ensaio sobre a História do Exército Brasileiro" (Editora Guararapes, Recife, 1982). O artigo de sua autoria "Formative Period of Twentieth-Century Brazilian Army Thought, 1900-1922", da Revista Histórica Hispano-Americana (Nov, 1984) ganhou o prêmio de melhor trabalho do Conselho da Nova Inglaterra sobre Estudos Latino-Americanos. Em 1979, foi eleito sócio correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. É comendador da Ordem de Rio Branco, concedida pelo governo do Brasil em reconhecimento de seus estudos e esforços para promover melhores relações entre o Brasil e os Estados Unidos.